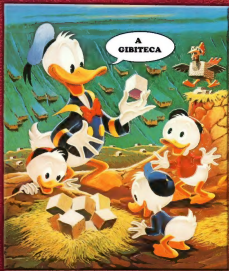


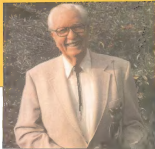
O Melhor da Disney



As Obras Completas de
Carl Barks

Volume 12





Se Cristóvão Colombo mostrou à humanidade, no sentido figurado, como colocar um ovo em pé, Carl Barks apresentou um jeito mais simples. Em *Perdidos nos Andes*, a narrativa que abre este volume, Donald e os sobrinhos descobrem ovos quadrados. Mais fáceis de guardar que os comuns (e de colocar em pé), eles são produzidos por galinhas quadradas numa região da Cordilheira dos Andes, escondida por um denso nevoeiro. Além de encantar os leitores da revista criada para obter os tais ovos, os patos se deparam com uma civilização que considera sacrilégio tudo o que é redondo. Esse é um dos trabalhos mais famosos do Homem dos Patos e um dos mais admirados pelos fãs e pela crítica especializada. Tal sucesso se deve ao fato de que, em suas 12 páginas, nota-se as principais características do estilo barksiano de contar histórias e pode-se apreciar o pleno domínio técnico do quadrinista. Já as cinco aventuras que compõem esta coletânea são exemplos da habilidade de Barks de surpreender e cativar em cada HQ que produzia.

Em *A Terra dos Ídolos*, o vendedor Donald disputa com os sobrinhos os poucos clientes que habitam uma região ainda inexplorada. Os conflitos ganham importância à medida que os patos desbravam o território. Porém, mais que retratar paisagens, o roteiro é divertido por suas várias piadas. Na his-

tória seguinte, *Em Busca de Unicórnios*, Barks começa a definir a faceta de colecionador de raridades do Tio Patinhas. Para que o ecológico do sovino fique completo, Donald e os meninos vão procurar um unicórnio. Como se não bastassem as dificuldades da jornada, o sortido Quêto aparece para atrapalhar num papel típico de vilão. Depois, em *Pérola Assassina*, a curiosidade dos sobrinhos salva o mundo. Nessa narrativa nas areias do deserto iraniano, os patos enfrentam um cientista que quer dominar o planeta usando o processo dos antigos peras de transformar pessoas em pé.

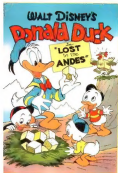
Também ambientada num deserto, *Mos Reis por uma Asqueliere* marca a volta do pato mais rico do mundo para atormentar o Donald. Quando faz essa HQ, em março de 1950, Barks não tinha definido as bases da biografia do Tio Patinhas. Por isso, não estranha que uma ampolheta, seja a fonte da riqueza do velho pássaro e não o esforço aliado à astúcia. Esse arrelho mítico foi abandonado posteriormente. De qualquer forma, o autor sabe explorar a distância entre Donald e o tio quaquilhento. E, para encerrar em grande estilo este volume, a história *O Círculo e o Pajubaço*. Nela, Barks brinca com a tradição cômica e aproveita a volta cômica do Donald ao colocá-lo no centro do plebeísmo como pajubaço. Bom espetáculo!

Perdidos nos Andes

Não foram poucas as ocasiões em que Carl Barks foi perguntado quais eram suas criações favoritas. A cada entrevista em que a pergunta se repetia, ele enumerava alguns de seus trabalhos. Um deles é *Perdidos nos Andes*. Numra conversa com o colecionador Malcolm Willis e os editores Don e Maggie Thompson, o artista confidencia que se sentia satisfeito com o que havia produzido no final da década de 1940 e mencionou essa aventura: "O ano de 1949... foi por essa época que atingi o ápice nas histórias. Não sei se era o ápice em arte, mas lembro que estava mais envolvido nesse período. Quer dizer, eu estava me esforçando mais. (...) Minha melhor história, do ponto de vista técnico, é provavelmente a dos ovos quadrados. Eu ouvi mais comentários sobre ela do que a respeito de qualquer outra". A crítica especi-

alizada concorda com Barks e considera *Perdidos nos Andes* um clássico dos quadrinhos. Não é difícil entender o motivo.

A trama começa com Donald descobrindo os ovos quadrados. Depois, ele e os sobrinhos vão procurar a fonte dos tais ovos, as galinhas quadradas. Em meio à busca, os patos se deparam com a cidade de Quadradópolis, um lugar onde fazer algo redondo é crime. Da elaboração do roteiro aos desenhos, essa HQ impressiona. O Homem dos Patos explicou como conseguiu esse resultado numa entrevista concedida aos críticos Donald Ault, Thomas Andrus e Stephen Gong: "Quando você analisa a estrutura da narrativa, percebe que ela foi construída com seqüências de page-captas. Quase todas as páginas têm uma piada ou duas nas quais os personagens fazem avançar um pouco a ação até alcançar um pequeno clímax. Então, passam a outra ação e assim por diante. E todas essas situações giram em torno de um único tema central". Os ovos quadrados, claro. De onde surgiu essa ideia? O criador conta: "Oh, essa ideia é mais velha do que eu. Quando era criança, já ouvia o pessoal da vizinhança falar, em tom de brincadeira, que havia comprado galinhas que botavam ovos quadrados". Anedotas à parte, ilustrar Quadradópolis não foi fácil. Prova disso é o painel da página 20. Entre os esboços iniciais e o ante-final, só esse quadro consumiu três dias: "Fui influenciado pelo velho método inca de sobrepôr blocos de pedras sem argamassa, mas notei que me confundi na hora de criar a perspectiva correta". Os reparos consumiram mais esboços, grafite e borracha, mas o resultado é perfeito como se fosse uma fotografia. "Sempre gostei do desafio das imagens complicadas. Essa foi uma que eu simplesmente quis desenhar", justificou-se. Confira a seguir essa obra-prima.



Perdidos nos Andes (Lost in the Andes), W 08 123-02, escrita e desenhada por Carl Barks em outubro de 1949

Pato Donald

PERDIDOS NOS ANDES!



História publicada originalmente na revista Four Color 223 em abril de 1949

Perdidos nos Andes (Lost in the Andes) No Brasil: Mickey 60 (1957), The Personality 49 (1958),

Pato Donald Especial 1 (1988) e Pato Donald 2738 (1999)

















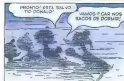












INCAUTOS
DE ACHOAR O
ACAMPAMENTO,
PERCEBERAM SEM
SUSPEITA, OS PATOS
SÃO FORÇADOS
A ANDAR PARA
VÃO CONSELHO!
ELES PERCEBERAM
QUE ESTÃO NA
DIREÇÃO DA
CERCA DO
CAÇADOR... MAS
JÁ NÃO VÊEM NADA
QUE AJUDE!

ESTOU ESCUTANDO ECOES NA
MONTANHA! VAI VER, A GENTE
ENTROU NUMA CORDOEA
DAS MONTANHAS ENTRE AS
MONTANHAS!

PODE SER? AGORA OS ECOES
ENTROU ATRÁS? QUE COISA
QUE PASSAMOS PRO OUTRO
LADO DO CUMINHO!

UMA PAREDE? SEM
NUNCA PAREDE!

BONK!

LEMBRA UMA ANTIGA
CONSTRUÇÃO INCA!

MAS É
DIFERENTE!

"COES AMARRADOS! VOU SEGUIR A PAREDE!
DEVE TER ALGUMA ENTRADA!"

ACHOU UMA
PORTA-
DO DONALD?

NÃO! UMA PEDRA
CAIU DENTRO LUGAR!

MAS DA PARA GENTE PASSAR
PELO BURACO? SEQUEM A CORDA
E VAMOS!

EEEE!

































A Terra dos Ídolos

Carl Barck nunca explicou o motivo, mas se orgulhava de ter produzido a história que você está prestes a ler. "Eu nutria uma certa afinidade por algumas HQs. Gostava delas e isso basta", respondeu tácito quando foi questionado pelo cineasta Edward Sumner durante um bate-papo em 1981. No entanto, tempos depois, o crítico Geoffrey Blum se incumbiu de elencar algumas das qualidades de *A Terra dos Ídolos*.

Para Blum, "a arte dos quadrinhos é verbosidade. As paisagens bíblicas ao redor da aldeia indígena deram um alívio para o bico-de-pena do Homem dos Picos, tão acostumado a recorrer às referências fotográficas. (...) E incluir um canibismo com sua carga misteriosa subindo o rio numa terra selvagem foi o pulo-do-gato para aguçar a curiosidade do público". O crítico destaca também a inevitável analogia que se pode fazer ao ler as

aventuras do carudo. De um lado os totens, ícones de poder e tradição entre os povos nativos. De outro, os tubos do ópio a vapor, produto da chamada civilização, estranho no meio naquele cenário trágico. Ao usar esses dois elementos simbólicos tão díspares, o autor faz uma crítica à aculturação imposta aos povos-vermelhos pelo homem branco. Em tempo: o texto menciona três carregamentos de pele de marinha como pagamento pela venda dos esmeraldas míticas. Uma quantidade absurda de animais abatidos para que os indígenas saciem o desejo de consumo. Barck escreveu isso em 1949, antes de surgir o contexto politicamente correto e as preocupações ecológicas. O exagero, porém, também reforça a crítica.

Em Busca do Unicórnio

A história conta o fabuloso de qualquer menino ao telefone. Donald é só-condecondição nas primeiras páginas dessa trama: "Sim, Tio Patinhas... Claro, Tio Patinhas!". Até que ele percebe que o magnata está querendo arrancar as penas dele. Donald, numa difícil tarefa, reage à proposta indecorosa com um sorriso: "Não, Tio Patinhas..." Mas é tarde demais. Assim, o ingênuo protagonista mora uma vez parte para uma missão aparentemente impossível: capturar um unicórnio, uma criatura mítica das lendas gregas. Para dificultar essa empreitada, o palco das ações não é uma apazível planície helênica e sim as insólitas montanhas do Himalaia. Huginho, Zorinho e Lurinho, companheiros clandestinos da viagem, e Gastão, um adversário indesejado, completam a bagagem do pato. Por fim, o argumento dessa história, assim como o de *O Pelicardo do Pólo Norte* (*Land of the North*, publicada no volume 11), foi vendido a Barck por Dana Cotsy, amigo e co-companheiro de Estudos Disney.

A Terra dos Ídolos (*Land of the Totem Poles*), M-OS 363-42, e *Em Busca do Unicórnio* (*Trail of the Unicorn*), M-OS 363-3, argumentos desta última de Dana Cotsy, ambas escritas e desenhadas por Carl Barck em setembro de 1949.



Walt Disney
apresenta

Pato Donald

A TERRA DOS IDÓLOS



Desenhos publicados originalmente no revista Four Color 243 em fevereiro de 1959

1. A Terra dos Idólos (Land of the Stars) No Brazil: Starline 37 (1954), Disney Exposure 27 (1964)

2. Em Busca do Único (Trail of the Unicorn) No Brazil: Pato Donald 83 e 94 (1975), Disney Exposure 27 (1976), Disney Exposure Brazilian 27 (1980) e Disney Exposure 27 (1993)

















PERO É QUE O DONALD
ENTRA A CARGA DE
MATERIALS QUEM
- AQUI

O RIO É DO
MAIS ESTREITO E
SÓCUBRO!

NÃO DA PARA IR
LONGE COM ESSA
CARGA!

POR QUE NÃO DÊO
O ORÇÃO PRO
SÉBASTIA E CAMPOS
FOGA?

SIM CHANCE!
E NÓSSA CASA DE
AMORTERIR!

A GENTE
PODE VENDER
MÁRMO!

SE ACHAR ALGUÉM
NÓSSO TEM DE
MUNDO!

DE ACORDO COM O MAPA, NÃO HÁ NEM
MESMO UM RIO ADEANTE! NINGUÉM
POE OS DEUS ALÉM DE
ONDE ESTAMOS!

OU SEJA, VÁ, SEM DÚVIDA VENDER BASTON
E ORÇOS AGORA!

E! LÓSSO E CARTONAS
NÃO TEM NEMTA
ORÇONA!

VAMOS VOLTAR PRA CASA
E SOLUÇ!







NUM BOMQUE
CARIO DE
APPROXIMAÇÃO
DAI, PICA
A BLOOM DOE
JACSON MARI
DELLA DOE DA
AMERICA DO
NORTE? ENTRA
JULIO-VERMILHAO E
MUNDO VODUM
HOMENS
BRANCO, MAS
JE, CORDADA
FALAM.





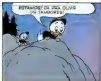




















Walt Disney

animado

Pato Donald

EM BUSCA DO UNICÓRNI

SIM, TIO PATINHAS... CLARO, TIO PATINHAS...
CERTAMENTE, TIO PATINHAS... SIM, TIO
PATINHAS... LEGICO, TIO PATINHAS... SIM,
TIO PATINHAS... TUDO
SIM, TIO PATINHAS.
SIM, TIO PATINHAS...
E POR JÁ,
TIO PATINHAS!



ESSA É TIO PATINHAS, O PATO
MADEIRO DO MUNDO.
NO TELEFONE,
TIO DONALD?

SIM, TIO
PATINHAS,
DIGO, SIM!



QUE QUER VER VOCÊ POR
ALGUM MOTIVO?

SIM,
JURJUR!



A GENTE NÃO É
TAREM?

SIM,
JURJUR!



NÃO VAMOS PRA CASA
DE CAMPO DO TIO
PATINHAS?

SIM,
JURJUR!



PODE SER
MILHÃO
PATINHAS

QUE TEM UM UNICÓRNI LÁ
NÃO É, TIO
DONALD?

SIM,
JURJUR!



PODE SER
MILHÃO
PATINHAS

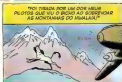
ORA! MEU BAPUENTO PRAO
DONALD! NÃO PRA CASA DO
TIO PATINHAS! QUELE
A DELE?























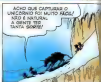
























Pérsia Antiga

Não há muito espaço para a quebra de estereótipos nas histórias em quadrinhos, principalmente em publicações infantil-juvenis. Na maioria das vezes, o que parece ser é mesmo. A próxima trilha começa com um homem de olhar esquivo que está observando os patos. Ele tem um jeitão de bandido maluco? A suspeita não demora a se confirmar. A pergunta que fica no ar, extremamente simples, é: quais são as intenções desse pesquisador ao observar um monarca da Antiguidade e parte da sua corte real? A resposta se encontra no final da história, mas o tom sombrio permeia todo o roteiro de *Pérsia Antiga*. Barks pegou a linha gótica que inaugurou com *O Anel do Mágico* (*The Mummy's Ring*, publicada originalmente em *Donald Duck*, *Four Color* 29 de setembro de 1943 e no volume 9 desta coleção). Apesar do título da aventura,

os antigos ressuscitados são frutos da fusão das culturas da Pérsia, Assíria e Babilônia. Além disso, embora o artista não reproduza com riqueza de detalhes a arquitetura ancestral dessas civilizações, que florescem nas margens dos rios Tigre e Eufrates, os desenhos deixam transparecer a pesquisa iconográfica empreendida. Assimante de *National Geographic* e leitor eventual da *Enciclopédia Britânica* (suas fontes principais), o criador fornece dados geográficos reais. Vem dessas publicações as referências do rochedo de Gizeh, ponto localizado entre a Europa e a África, e a esfinge que aparece na página 91. Já a figura do rei Nankafis tem como base a ilustração de H.M. Herget, artista da *National*, que retratou o governante Esartadon.

Assim como em *O Anel do Mágico*, o autor funde terror e comédia. Em um momento, os antigos são ressuscitados numa cena de anápolis. Depois, confirma-se que eles não estavam mortos, mas tinham sido convertidos em pé. Então, o humor sarcástico se espalha pelos quadrinhos quando a princesa confunde Donald com o noivo que a abandonou no altar há 3 mil anos. Ele é o sócio de Ali Saf-Ali, malandro ancestral que designou a nobreza local. Condenado a se casar com uma sacerdotisa milenar, Donald apela para os sobrinhos, seus eternos salvadores. Carl Barks diz que uma parte da cerimônia de casamento foi invenção dele, mas nem tudo é ficção: “Eu criei as cambalhotas da noiva para acrescentar humor. Mas existia no Egito um tipo de casamento em que o noivo era servido numa bandeja”. Por fim, o giz radiactivo que converte seres vivos em pé é visto pelos críticos como um reflexo da paranoia mundial instaurada com o advento da bomba nuclear. Coincidência ou não, o livro que surge nas mãos do leitorista maluco, na página 98, chama-se *Eu e o Atômico*.

Pérsia Antiga (*Ancient Persia*), W 08 278-92, escrita e desenhada por Carl Barks em novembro de 1949





Material publicado originalmente na revista Four Color 377 em maio de 1958

Péssima Antiga na O Segundo do Professor (4ª parte) Person No Brasil: Pato Donald 52, 53 e 54 (1955).

Especial Clape Donald 3 (1975), Disney Especial 62 e 104 (1), Viva Donald! 3 (1986), Disney Especial

Revista 60 (1990) e New Disney Especial 5 (2003)















































Meu Reino por uma Ampulheta

Donald e os sobrinhos disputam com o Tio Patinhas uma ampulheta mágica. Para que ela possa funcionar, é necessário trocar a areia em seu interior, já gasta por décadas de uso. O problema é que não serve qualquer areia, somente a areia especial de um oásis secreto. Descubri-lo é uma tarefa perigosa, mas os patos estão dispostos a ir até o fim. Esse roteiro, aparentemente simples, esconde alguns elementos pouco usuais na obra de Carl Barck, todos dignos de menção. Por exemplo, chama a atenção que, até a metade da história, os personagens se conduzem tão animas humanizados no padrão dos gibis Disney. Depois, os condutores são seres humanos. Falha do autor? Provocação aos editores que o celebravam para não fazer isso?



A segunda hipótese parece mais provável, já que o roteiro se repete em *O Caso e o Patinho* (*Big Top Beakins*), que fecha este volume.

Outro elemento digno de menção é a ampulheta mágica, objeto central do enredo Primeiro pelas suas inscrições em árabe antigo. Segundo porque é o amuleto do Tio Patinhas. Decorrentes disso, há algumas implicações: como os patinhos ainda não têm o Manual do Escrivão, recuso que ganharam posteriormente, eles se dão conta dos escritos escritos ao serem alottados por um fixador. Otentando uma cartola, esse colector exibe uma erudição incomum. Os críticos afirmam que se trata de uma moeda: o quadrinista mostra que a sociedade desperdiça conhecimentos, assim como deserta coisas para o lixo. O fato de ampulheta ser apresentada como o amuleto do Tio Patinhas significa que a fortuna do magnata é fruto da sorte e não da competência no gestão dos negócios. Mais tarde, Barck colaboraria a biografia de sua maior criação e a idêntica da ampulheta seria esquecida.

Mais um elemento relevante é o comportamento do Tio Patinhas. Aqui, o autor exagera e faz uma caricatura. Isso fica evidente se pensa da freguesia no deserto. O sovina troca a sobrevivência dos sobrinhos pela ampulheta. Michael Barrier, autor do livro *Carl Barck and the Art of the Comic Book*, explica: "Patinhas, em suas aparções como condutor, não é especialmente simpático. Embora não possa ser desenhado como vilão, ele prejudica os sobrinhos em várias ocasiões. *Meu Reino por uma Ampulheta* mostra um sangue-frio que difere em muitos aspectos do Patinhas posterior. A expressão agressiva em seu rosto não é apropriada ao darão de correção mole".

Meu Reino por uma Ampulheta (*The Magic Ampulheta*), W 08 291-82, escrita e desenhada por Carl Barck em março de 1948

Walt Disney

A OBRAS DA

Pato Donald

MEU REINO POR
UMA AMPULHETA



Historia publicada originalmente na revista Four Color 281 em setembro de 1950
Meu Reino por uma Ampulheta (The Magic Hourglass) No Brasil: Fox Fantasia 43 (1989),
Bates Especial 34 (1977), Bates Especial Revivido 39 (1983) e Pato Donald 2728 (1985)























































O Circo e o Palhaço

Esqueça as expedições para terras exóticas em busca de tesouros. Sem medo de experimentar, Carl Barks mudou a fórmula neutra HQ que homenageia o maior especialista da Terra. Mas *O Circo e o Palhaço* não é um enredo tão inofensivo quanto o título pode sugerir. A trama começa com Donald sofrendo uma amnésia que, para ele, é pior que virar almoço de leilão a fim da Margarida. Para recuperar o broche perdido da primorada, uma herança de família, o pato vai enfrentar muitos perigos. Obrigado a entrar no circo e a participar do show para encontrar o objeto que está com o broche, Donald descobre que arrastar aplausos do público é difícil. Para piorar, seu azar vai lhe trazer mais dificuldades: os sobrinhos acham que o tio os enganou e não quis levá-los ao circo. Multidão de castigos e pontaria cêntrica, o urso decide trabalhar a apresentação.

A seqüência cômica constitui o núcleo visual da história, como não poderia deixar de ser. O Homem dos Pulos exerce suas grafismos mirabolantes nela, seja na composição das cenas ou na movimentação extraordinária de malabaristas, trapelistas e equilibristas. A assimetria dos quadros é um expediente que auxilia a narrativa, dando profundidade e dinamismo às imagens. Observe as paisagens em que o pato desliza de bicicleta sobre a corda bamba na página 151. Um deles mostra a sensação de vertigem do pato Donald ao avistar o solo à distância. O uso de perspectivas usadas no desenhos de objetos pontuam bem a trama. Na página 158, a boca do cambilo praticamente salta do papel. Já na 164, é possível partilhar com o patinho a mata da aradense. É de se admirar como o traço do artista dá vida às ações nem mesmo cênico.

Carl Barks, porém, foi criativo ainda no roteiro e não apenas nos desenhos. Por exemplo, ele revisita peças clássicas e promove novas maneiras de contá-las. A queda sobre a tina d'água e a tortura na cama fazem parte do repertório de palhaçadas desde que o circo deixou as arenas da Roma dos césares. Se Donald parece não conhecer essas brincadeiras de picadeiro e se torna uma vítima de que versa precioso para qualquer pessoa. Outro elemento que se destaca é Zippo, o antagonista de *O Circo e o Palhaço*. Embora calça com o broche da Margarida, ele não é propriamente um vilão. E o modo como manipula Donald, tentando afastá-lo, é apenas autodefesa. Zippo, o artista capaz de trocar de fantasia mais rápido que qualquer ser humano, não consegue ser diabólico em roupa de capeta nem assustador em traje de esquilão. É meramente divertido e cumpre sua função com eficiência: entreter o respeitável público. Prepare-se, então, para esse grande show no melhor estilo de Barks.

O Circo e o Palhaço (Big-Top Bedlam), W 05 368-02, revista e desenhada por Carl Barks em abril de 1950



Walt Disney

ADAPTAÇÃO

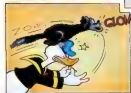
Pato Donald

O CIRCO E O PALHAÇO



Estória publicada originalmente na revista *Pato Color* #88 em setembro de 1970
© *Circo e o Palhaço* (Story: Roy Kinnear) No Brazil: *Pato Donald* #44 e #45 (1994)









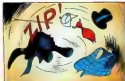




































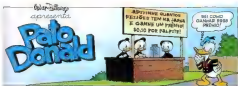












Walt Disney
COM UNO DE

Pato Donald



1 des. mangá 214

Walt Disney
Pato Donald



Walt Disney
apresenta

Pato Donald



Walt Disney
e o mundo

Pato Donald





Carl Barks
O GIGANTE

Pato Donald



Walt Disney
apresenta
Pato Donald



Walt Disney
apresenta
Pato Donald



Walt Disney
apresenta
Pato Donald



"O legal nas FICs de Carl Barks é que o absurdo acontece como se fosse algo normal. Por exemplo: o que dizer de uma galinha quadrada que bota ovos quadrados? É de uma civilização quadrada que considera tudo o que é redondo um sacrilégio? É incrível como, no mundo criado por Barks, o que é espantoso não surpreende os personagens. Assim, nós vamos acompanhando os patos e, sem perceber, somos envolvidos pelo universo maluco desse criador genial, com seus desenhos maravilhosos e divertidos. Depois de ler essas aventuras tão fantásticas, de apreciar uma boa dose da obra desse mestre, o mundo normal não é mais o mesmo."

Fernando Gonzales

*Roteirista e desenhista,
criador das tiras do Niquel-Niquel*

R\$ 15,90



www.editoraaleph.com.br